

Mapa Mundi, segundo Ptolomeu, mostrado por Johannes de Armsshein (Ulm, 1492).



A História do Serviço Social pensada a Partir da “Revista do Padre Saboia”

Camila Manduca Ferreira*

Resumo: O artigo resulta de pesquisa sobre a primeira revista de Serviço Social do Brasil (1939-56), publicada pela Escola de Serviço Social de São Paulo, primeira unidade de ensino do país (1936). Envolvendo os primeiros assistentes sociais mais engajados na Ação Católica e figuras eminentes do período no corpo de editores e colaboradores, a *Revista Serviço Social* alcançou notoriedade sob a direção do padre Roberto Saboia de Medeiros, passando a ser comumente conhecida como “revista do padre Saboia”. A metodologia privilegiou a análise temática dos artigos publicados. A conclusão enfatiza o tratamento conservador dado à relação capital/trabalho, à pobreza, à formação profissional, ao trabalho do assistente social, às relações com o Estado e as visões do país. O estudo mostra também que a *Revista Serviço Social* é fonte primária privilegiada para o estudo da gênese do Serviço Social no Brasil.

Palavras-chave: *Revista Serviço Social*; história do Serviço Social; Serviço Social.

Abstract: *Revista Serviço Social* (1939-56) was Brazilian’s first journal of Social Work. Edited by Luis Carlos Mancini (1939-41), most of the time (1943-1955) directed by priest Roberto Saboia de Medeiros had been known as ‘the journal of priest Saboia’. This article is based on the analysis of the key issues it addressed along the time it existed and points out the conservative approach for capital-labor relations, poverty, training of social worker, the interaction with government and Brazil’s visions. The paper reveals the importance of this periodical for understanding history of social work in Brazil.

Keywords: *Revista Serviço Social*; history of Social Work, Social Work.

1939 foi ontem. Setenta anos podem parecer muito tempo para nossas curtas vidas. Historicamente, no entanto, não passa de um átimo de tempo. Por isso, a importância de lembrar o papel hoje septuagenário da pioneira *Revista Serviço Social*.

.....
* Assistente social graduada pela Universidade Federal Fluminense. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CNPq. Endereço postal: Escola de Serviço Social, UFRJ, Av. Pasteur, 250, Campus Praia Vermelha, CEP: 22290-240. Endereço eletrônico: milamanduca@yahoo.com.br.

O presente escrito¹ visa, portanto, a apresentar a *Revista Serviço Social*² (que circulou de 1939 a 1956), destacando os principais temas abordados durante o período de 1939 a 1947. Tal delimitação temporal deve-se ao fato de, para fins cronológicos, demarcarmos a gênese do Serviço Social no Brasil nos anos 1930, mais rigorosamente 1936, ano da fundação da primeira escola de Serviço Social do país; até 1947, data do 1º Congresso Brasileiro de Serviço Social, o primeiro grande conclave a reunir a categoria profissional – a partir dele, novos contornos são incorporados.³ Trata-se, destarte, de estudo histórico que considera a *Revista* uma fonte primária privilegiada para o estudo da gênese do Serviço Social no Brasil.⁴

O número inaugural de *Serviço Social* foi publicado em janeiro de 1939 sob a direção de Luis Carlos Mancini –⁵ redatora-chefe: Nadir Gouvêa Kfoury; procuradora: Yolanda Maciel; gerente: Waldomiro Ferraz de Barros; secretário: Ernani de Paula Ferreira. Esse corpo editorial era formado por então alunos da Escola de Serviço Social de São Paulo (atual Faculdade de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).⁶

Animados por “uma vontade rigorosa de pregar a verdade, de proclamar a justiça, de divulgar, com seriedade e com elevado espírito social, o Serviço Social, ‘obra de bondade em que a razão se compraz’” (editorial, 1939, n. 1, p. 1),⁷ os alunos da primeira e segunda turmas de Serviço Social do Brasil (Escola de Serviço Social de São Paulo, fundada em 1936) editam a primeira revista de Serviço Social do país.

¹ Pesquisa baseada em leitura e análise dos números 1 a 47 (1939 a 1947), 51 a 54 (1949), 57 a 68 (1950 a 1953), 70 a 73 (1953 a 1954) e 78 (1955), disponíveis para consulta (acervo completo, números 1 a 80) na Biblioteca Nadir Kfoury, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A Biblioteca Central do Gragoatá da Universidade Federal Fluminense também disponibiliza para consulta um acervo amplo, porém incompleto da *Revista Serviço Social*.

² Optou-se, neste texto, por citar preferencialmente a *Revista Serviço Social*. Porém, é evidente que tal apresentação seria impossível sem o acúmulo prévio de certa bibliografia básica sobre a história de Serviço Social, algumas delas referidas ao longo do artigo.

³ De certo, a localização temporal da gênese do Serviço Social no Brasil não é ponto pacífico. A esse respeito, consultar Montañó, 2007.

⁴ Cumpre ressaltar que no estudo das fontes primárias “em lugar [da] reflexão orientar-se pelas significações explícitas dos dados, ela se guia também pelos seus sentidos velados, subjacentes, pois que à compreensão sociológica dos eventos e processos histórico-sociais interessam tanto reprodução do comportamento aberto das pessoas, as manifestações e expressões efetivas das instituições e estruturas, como ainda os significados expressos no nível ideológico das representações, e, por isso, subjacentes ou mistificados nos textos. Nesse sentido, os requisitos teóricos da análise possibilitam uma compreensão que não se atém no nível do que é explícito no documento, mas adentra-se pelas significações dos fatos, penetrando-os até atingir sentido do que é vivido, das ações, atitudes, ideais [...]. Muitas vezes, essa orientação nos levou a uma compreensão das instâncias que ultrapassa ou nega, em certo grau, o sentido manifesto do texto, pois o que é dito pelo informante não é o que está escrito, explicado, mas o que significam os símbolos registrados e cujos sentidos, muitas vezes, escapam ao seu ator” (IANNI, 1962, p. 17).

⁵ Luis Carlos Mancini é da segunda turma da Escola de Serviço Social de São Paulo (primeira a receber homens), desde antes disso, no entanto, atuava no Centro de Estudos e Ação Social, sendo um dos mobilizadores para a fundação da ESS. Depois de formado, em 1940, integrou o corpo fundador (junto com André Franco Montoro, José Pinheiro Cortez, Francisco de Paula Ferreira, Ugo Malheiros, entre outros) do Instituto de Serviço Social de São Paulo (escola masculina). Teve importante participação na criação e implantação do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes (IAPC). Quando da agregação da ESS à PUC-SP, Mancini tornou-se professor na instituição.

⁶ A respeito da fundação da primeira escola de Serviço Social do Brasil e das primeiras escolas de Serviço Social da América Latina, consultar, respectivamente, Yasbek, 1980; Castro, 1989.

⁷ Optamos por fazer uma adequação ortográfica em todas as citações extraídas da *Revista*.

Inicialmente (até a mudança na direção, em 1943), somente assistentes sociais escreviam, o que era programático: "*Serviço Social* não publicará colaboração de pessoas estranhas ao quadro de redatores" (editorial, 1939, n. 1, p. 1).⁸

A finalidade primária de *Serviço Social* declarada é:

orientar as obras sociais e desnudar à sociedade os seus problemas, interessando-a neles, a fim de, com maiores recursos, enfrentá-los. Visa também a despertar a consciência de classe dos trabalhadores sociais, estabelecer contato entre eles, de forma a criar um bloco cuja ação se caracteriza pela unidade, pela visão do conjunto, pela percepção total da situação do meio, conhecimento imprescindível no bom êxito de suas iniciativas (editorial, 1939, n. 1, p. 1).

Consoante a essa finalidade, o *Bulletin D' Information da Union Catholique Internationale de Service Social*, de Bruxelas, refere-se ao periódico do seguinte modo: "revista jovem, cheia de entusiasmo, de boas ideias e de ensinamentos práticos, que contribuirá certamente à difusão do Serviço Social no Brasil" (editorial, 1939, n. 9, p. 4).

O compromisso da *Revista* com padrões morais cristãos era mais que programático, era basilar, o que ganha relevo pelo peso de ser a única difusora dessa profissão. Responsável por "suprir, pelo menos em parte, a escassez de fontes bibliográficas" (Francisco de Paula Ferreira, 1944, n. 35, p. 227), pois sendo:

a única no gênero do Brasil, tornou-se um posto transmissor e receptor do quanto se propala entre nós sobre Serviço Social. Em segundo lugar, como corolário desse primeiro atributo, cabe-lhe enorme fardo de responsabilidade. Por esse motivo, articulamos nossa atividade redatorial de forma a imprimir-lhe orientação serena e coerente, preservando e mantendo íntegro o corpo de princípios em que se funda o Serviço Social (Luis Carlos Mancini, 1940, n. 13, p. 2).

Quanto à mudança na direção a que acima aludimos, enquanto diretor da IV Semana de Ação Social, amplamente divulgada e apoiada pela *Revista*, a primeira participação do padre Roberto Saboia de Medeiros⁹ em *Serviço Social* ocorreu por

⁸ "esta revista foi idealizada, fundada e é feita, mantida, por um grupo de assistentes sociais (...). Tem por finalidade uma colaboração desinteressada e despreziosa com as obras sociais, intelectual e tecnicamente falando. *Serviço Social* é, em suma, de propriedade e responsabilidade de todos, ao mesmo tempo que cada de *per si* dos componentes do grupo de assistentes referidos" (editorial, 1939, n. 5, p. 7).

⁹ Roberto Saboia de Medeiros (1905-55), por meio da presidência da Ação Social, orquestrou a fundação de diversas instituições, como o Centro de Trabalho Técnico, voltado para a formação do proletário, em 1938; Instituto de Direito Social, em 1939; a Escola Superior de Administração de Negócios (ESAN-SP), baseada no modelo da Graduate School of Business Administration da Universidade de Harvard, em 1941; Fundação Educacional Inaciana (mantenedora da ESAN e, mais tarde, de outras faculdades), em 1945; e a Faculdade de Engenharia Industrial (FEI) em São Bernardo do Campo, em 1946. Saboia divulgou amplamente a campanha anticomunista no rádio e na televisão (cite-se o alardeado embate em 1945 entre o padre Saboia e o comunista José Maria Crispim na rádio Tupi, que dividiu a cidade). Para maiores informações sobre a biografia do padre, consultar Souza, 1980.

meio de uma entrevista concedida por ele no número 19, de 1940. O sucesso do padre Saboia na organização da Semana, a escolha dos temas e convidados e as conclusões e diretrizes alcançadas impressionaram os assistentes sociais, que identificaram Saboia como a mais expressiva liderança da área social.

A publicação sofreu um interregno entre junho de 1941 (n. 30) e agosto de 1943 (n. 31) e faltam-nos elementos concretos para explicar tal interrupção. É provável, no entanto, que, uma vez graduados, os editores de *Serviço Social* tivessem perdido a Escola como centro de reunião do grupo.

Roberto Saboia de Medeiros – que muitas vezes empresta seu nome à revista, ficando ela conhecida como a “revista do padre Saboia” – só assumiu a direção a partir do número 31, em agosto de 1943, após ganhar, como dissemos, evidência na direção da IV Semana de Ação Social em São Paulo.

A mudança de direção rendeu à publicação diversas modificações. No primeiro ano (1939), mais um folheto que propriamente um periódico acadêmico, o número de páginas variava entre oito e doze. Inaugurando no número 20 (1940) uma “nova fase” (editorial, 1940, n. 20, p. 2), a revista passa a ocupar de quarenta a cinquenta páginas.

Na fase Saboia, entretanto, o número de páginas da revista salta para os três dígitos (cerca de trezentas páginas). As inovações também estão nos colaboradores, agora de outras áreas do conhecimento e até internacionais; na licença para temas variados, não restritos ao Serviço Social;¹⁰ na abertura para outros estados (Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco) e países;¹¹ nos anúncios publicitários, que então ocupam mais páginas e divulgam produtos não necessariamente ligados ao público-alvo da revista;¹² nos artigos em língua estrangeira; e na divisão da revista em séries temáticas (Problema da Habitação; Problema da Criança; Tuberculose; Mocambos) e seções fixas (Caderno Rural; Resenha de Revistas Estrangeiras; Cinema e formação social).

Os subtítulos também variam bastante ao longo da publicação. *Serviço Social* foi denominada “órgão doutrinário técnico informativo” (n. 1-30), “Revista de Cultura Geral” (n. 31-2), “Revista de Cultura” (n. 33-4), “Revista de Cultura Superior” (n. 35-46) e “Revista de Cultura Social” (a partir do n. 47).

A propósito do número 59 da revista, que republicaria uma seleção de artigos dos primeiros anos (os exemplares dos números 1 ao 31 estavam esgotados), o padre Saboia comenta:

Os nossos assinantes mais novos gostarão de saber que a revista foi fundada por um grupo resolutivo de assistentes sociais, aqui

¹⁰ Como: “O futuro econômico da América Latina” n. 37; “Russia and the peace” n. A36; “Princípios de eficiência na Administração”, n. 31.

¹¹ Por exemplo: “O desenvolvimento do Serviço Social na indústria no Chile” n. 31; “Bairros de habitações econômicas no Uruguai” n. 31; “A segurança social no Canadá” n. 35; “A profissão de assistente social nos Estados Unidos” n. 35; “Algo sobre o sinarquismo mexicano” n. 37; “O desenvolvimento dos serviços sociais na Grã-Bretanha” n. 39.

¹³ Cite-se: “Ouça as últimas notícias diretamente das capitais europeias com a maravilha de 1940... Zenith rádio”; “Consolidai vosso futuro economizando sistematicamente e depositando na Caixa Econômica do estado de S. Paulo – garantia – eficiência – rapidez”. Alguns até bastante estranhos ao público-alvo da revista: “Instalações elétricas e hidráulicas confiadas à Sociedade Técnica de Instalações Gerais Ltda.”; “SOMA – Companhia Sorocaba de Material Ferroviário – fabricação de vagões”.

em S. Paulo: todos muito moços, todos começando a vida, de limitados recursos, porém dinamizados pela convicção no futuro e na necessidade do Serviço Social no Brasil. A revista era um folheto de poucas páginas e mensal. Nela colaboravam aqueles moços, que com o correr dos anos amadureceram e vieram a ocupar cargos de relevo. Luis Carlos Mancini é hoje chefe de seção na *Pan American Union* em Washington. Helena Iracy Junqueira e Nadir Kfoury são diretoras da Escola de Serviço Social de S. Paulo. Francisco de Paula Ferreira é alto funcionário do SENAI e da diretoria da Associação Brasileira de Assistentes Sociais. Estes e outros assinaram numerosos artigos nos primórdios da revista, e alguns ainda fazem parte da Comissão Redatora. Ao contrário de muitas revistas da mocidade, esta vingou. Mediante uma junção com a "Ação Social", a revista mudou de formato, tornou-se trimestral e ganhou um cunho mais científico (Roberto Saboia de Medeiros S. J.,¹³ 1951, n. 59).

Roberto Saboia de Medeiros permanece na direção da revista até 1955, quando de sua morte. A partir de então, assume a direção (no número 76) o também jesuíta padre José Gomes Bueno, que publica ainda cinco números (n. 76-80) até o fim da *Revista*. No ano em que dirigiu *Serviço Social*, um documento expedido pelo Vaticano no dia 8 de maio de 1956 anuncia que:

o Santo Padre recebeu o n. 77 da *Revista Serviço Social*, bem como os opúsculos que ilustram a vida do saudoso Padre Saboia de Medeiros. (...) o Augusto Pontífice concede a vossa revista a aos seus colaboradores a Benção Apostólica (*Segreteria Di Stato Di Sua Santità*, 1956, n. 78, p. 9).

O novo diretor, o padre José Gomes Bueno, comunica assim a honraria:

O Papa abençoa nossa revista: O Santo Padre Pio XII, que tantas provas de afeto tem dado à nossa pátria, dignou-se, no dia 8 de maio passado, abençoar a nossa *Revista Serviço Social*. É realmente não só uma subida honra para nós, mas sobretudo um penhor de graças para as nossas atividades no campo da Ação Social (...). Dignando-se abençoar nossa *Revista de Cultura Social*, sentimos novo estímulo e nova força, para divulgarmos das páginas de nossas publicações os Seus ensinamentos inspirados na fonte inexaurível da Sabedoria (José Gomes Bueno S. J., 1956, n. 78, p. 7).

¹³ S. J. significa que o padre Roberto Saboia pertencia à Sociedade de Jesus (a Companhia de Jesus, em latim *Societas Iesu*), cujos membros são conhecidos como jesuítas. O diretor da *Serviço Social* sempre assinou "Roberto Saboia de Medeiros S. J." Uma errata no número 32 para acrescentar o S. J. suprimido na edição anterior revela a importância do título.

Como se verifica, o prestígio da revista nos meios católicos foi incontestável. Mas o que a nós interessa é a sua importância como fonte primária privilegiada para o estudo da gênese do Serviço Social brasileiro.

O tratamento de *Serviço Social* a temas ainda capitais, como questão social, trabalho, Brasil e família, revela-nos que, para o Serviço Social, os setenta anos que se passaram desde a estreia da publicação são demasiado longos. Por outro lado, nem todas as páginas da genética conservadora da profissão estão viradas – aí, o “dragão do tempo” nos aproxima do que pensamos ou queremos distante.

As percepções sobre o nascente Serviço Social trazem o entusiasmo e o fascínio pelo novo. É consensual para os editores que a profissão descende de práticas antigas de caridade, agora sistematizadas dada a complexificação do mundo:

O Serviço Social nada revolucionou, mas é simplesmente humano e a descoberta quase mágica de seu nome nada mais é que a conclusão de métodos aperfeiçoados pela experiência para suavizar a miséria e a doença a que transformaram, sem exigir saltos, em uma organização quase científica, a concepção da caridade velha como o mundo (Francisco de Paula Ferreira, 1941, n. 29-30, p. 13).

Complexidade que, em última instância, foi causada pelo afastamento de Deus. Mas não qualquer Deus – a referência aqui é à igreja católica, a Igreja.

Tanto é assim que, em diversas passagens da *Revista*, a Idade Média é exaltada como o saudoso tempo do poder absoluto da Igreja. O início dos “problemas” da contemporaneidade é radicado na Renascença e em sua crença na razão.

Durante a Idade Média, tão denegrada e desconhecida pelos *scrocs* da História, por influência dos princípios cristãos, estabeleceu-se uma ordem social equilibrada, fundada no respeito mútuo, na justiça e na caridade. Durante três ou quatro séculos, conheceu a sociedade a paz perfeita, a harmonia criadora, a colaboração estreita e amistosa das classes (Luis Carlos Mancini, 1941, n. 28, p. 5).

O elemento capaz de tornar práticas ancestrais de caridade na “mais jovem das profissões” (Maria Kiehl, 1944, n. 35, p. 41) é a necessidade de perícia técnica frente à hecatombe da nova era: “a profissão de assistente social é nascida da época, é formada pela época, é exigida pela época” (Ugo Malheiros, 1939, n. 1, p. 3, grifo nosso).

Dessa premência pelo Serviço Social decorre uma valorização da capacidade redentora da profissão frente a esse cenário apocalíptico:

A profissão de assistente social uma das mais graves responsabilidades confere aos que a exercitam. Mais do que ao médico, mais do que ao advogado, muito mais do que à educadora sa-

nitária, cabe ao assistente tecnicamente preparado em curso regular de três anos um papel da mais viva importância (editorial, 1939, n. 2, p. 2).

Não foi o caso, porém, de meramente "puxar a brasa para sua sardinha". O Serviço Social, em sua gênese, realmente desempenhou um papel de relativa importância,¹⁴ alcançou "um vulto tal que, em pouco, arrebatou as inteligências" (editorial, 1939, n. 1, p. 1), a ponto a afirmar-se que "toda a pessoa de uma cultura geral satisfatória não pode consentir em ficar à margem do Serviço Social" (Francisco de Paula Ferreira, 1941, n. 29-30, p. 16).¹⁵

É certo, por outro lado, que o Serviço Social não significou, como expressa a *Revista*, "a resposta cabal e honesta" para o mundo "encarquilhado pela experiência de fórmulas vãs" (editorial, 1939, n. 1, p. 1). De qualquer forma, tamanha responsabilidade de construção do Serviço Social – além da ingrata tarefa de salvar o mundo, como veremos – pesava para os assistentes sociais.¹⁶ Odila Cintra Ferreira, fundadora do Centro de Estudos e Ação Social e da Escola de Serviço Social de São Paulo, deixa isso translúcido em seu discurso de paraninfo em formatura de 1940:

Aquilo que cada assistente realizar no seu campo especial de atividade terá repercussão decisiva no Serviço Social que se inicia. A vós compete, particularmente, traçar-lhes os contornos, modelar-lhes as feições. Os sucessos ou fracassos de vossos trabalhos serão sucesso ou fracasso do Serviço Social (Odila Cintra Ferreira, 1941, n. 25-6, p. 27).

Ademais, a técnica *per se* pode até ser nociva. Eis aqui um lugar-comum da *Revista*: "o *non licet* da doutrina e da técnica" (editorial, 1939, n. 1, p. 1). "O preparo técnico não basta apenas ao assistente social; é necessário que a ele seja aliada uma sólida formação moral" (Ugo Malheiros, 1939, n. 1, p. 3). Do assistente social exige-se uma "formação de consciência" e, como se muito não fosse, uma:

elevação interior, dedicação excepcional com que abafará o egoísmo que cada um traz dentro de si. Ainda: uma decidida vontade de servir desinteressada (no sentido de vaidade, de publicidade) e anonimamente (com modéstia) a sociedade. Em suma, o Serviço Social reclama uma verdadeira vocação de seus agentes (Ernani de Paula Ferreira, 1939, n. 1, p. 6).

¹⁴ Em 1941, por exemplo, a Escola Livre de Sociologia e Política tinha uma cadeira de Serviço Social.

¹⁵ "A verdade é que, em nossa sociedade sofredora e nesta hora sombria, concomitantemente com essa missão, ocupa o Serviço Social um lugar preeminente, absorvente mesmo, pois tem recursos tais que o qualificam como grande bem" (Francisco de Paula Ferreira, 1946, n. 41, p. 79).

¹⁶ "Quereis saber, meus irmãos, o peso de nossa responsabilidade? Olhai para o Crucifixo e para o precioso Sangue que ele verte sem cessar. O Sangue de Cristo, nós somos por Ele responsáveis!" (Plínio Corrêa de Oliveira, 1941, n. 28, p. 24).

A vocação é aspecto determinante, inclinando a profissão para uma espécie de apostolado laico. É ela quem fornece "ao assistente social essa 'finesse' que alinha antenas e lhe abre a alma às almas dos seus semelhantes" (Luis Carlos Mancini, 1940, n. 13, p. 2).

A formação moral indispensável ao arquétipo de assistente social "convenientemente adestrado" (Albertina Ferreira Ramos, 1940, n. 23, p. 20) não é, entretanto, qualquer. Trata-se de "uma formação moral solidamente edificada sobre uma base de princípios cristãos". Sem ela, "a atividade da assistente será falha, porque lhe faltarão os elementos que garantem uma ação educativa, que é a visada pelo Serviço Social" (Aylida Faria da Silva Pereira, 1944, n. 35, p. 85).

A presença *sine qua non* da doutrina social da Igreja na formação moral dos assistentes sociais¹⁷ justifica-se pela compreensão da questão social como "fundamentalmente uma questão moral" (Guiomar Urbina Telles, 1939, n. 1, p. 3) – formulação recorrentemente expressa: "Atrás das questões de ordem econômica, social e política há sempre um problema moral" (Cecília Almeida Camargo, 1941, n. 25-26, p. 30); "A questão social é, fundamentalmente, uma questão de ordem moral. Se lhe formulássemos soluções simplesmente econômicas ou sanitárias ou sexuais quedaríamos na rama" (Luis Carlos Mancini, 1940, n. 15, p. 7). Essa é uma formulação da Encíclica *Rerum Novarum*, cujo cinquentenário comemorativo foi muito festejado no n. 28, de 1941.

Malgrado a aparência harmônica que esse duo técnica e doutrina¹⁸ defendido pela *Serviço Social* possa ter, o primado (da técnica ou da doutrina) é tema em disputa. Ora a *Revista* defende que o Serviço Social é "exercício de justiça e apostolado de caridade, antes de ser trabalho técnico" (Tolstoi de Paula Ferreira, 1939, n. 1, p. 5), ora argumenta que:

para o Serviço Social não bastam, pois, a boa vontade e inteligência. Ele exige dos que vão desempenhar uma soma de conhecimentos e um preparo técnico especiais – que não poderão ser adquiridos senão através de um ensino teórico e prático especializado (Aylida Faria da Silva Pereira, 1944, n. 35, pp. 68-70).

O ensino especializado ficava a cargo das escolas de Serviço Social. Mais uma vez, não eram quaisquer escolas. Eram as escolas que seguiam diretrizes confessionais, notadamente: Escola de Serviço Social de São Paulo, 1936; Escola de Serviço

¹⁷ A respeito do pensamento doutrinário na formação do Serviço Social, consultar o clássico Iamamoto e Carvalho, 2000 e o balanço crítico desse livro em comemoração aos vinte anos de sua publicação em Iamamoto, 2008. Acerca do pensamento católico no Brasil e sua ação junto ao proletariado, consultar Carvalho, 1987.

¹⁸ Segundo Marilda Iamamoto: "O Serviço Social mantém seu caráter técnico-instrumental voltado para uma ação educativa e organizativa entre o proletariado urbano, articulando – na justificativa dessa ação – o discurso humanista, calcado na filosofia aristotélico-tomista, aos princípios da teoria da modernização presente nas Ciências Sociais. Esse arranjo teórico-doutrinário oferece ao profissional um suporte técnico-científico, ao mesmo tempo em que preserva o caráter de uma profissão 'especial', voltada para os elevados ideais de 'serviço ao Homem'" (IAMAMOTO, 2007, p. 21).

Social do Instituto Familiar e Social do Rio de Janeiro, 1937; Instituto de Serviço Social de São Paulo, 1940; Escola de Serviço Social das Faculdades Católicas do Rio de Janeiro, 1943. Dessas escolas saíam os "elementos cuidadosamente selecionados, pacientemente e carinhosamente formados, que são os assistentes sociais" (Odila Cintra Ferreira, 1941, n. 25-6, p. 27).

A *Serviço Social* revela, ainda, rivalidade em relação a outras escolas:

Podemos adiantar, infelizmente, que a paisagem não é das melhores. Em S. Paulo, graças a Deus, o Serviço Social permanece íntegro, obedecendo à mesma e reta orientação do Centro de Estudos e Ação Social. Num outro estado a desagregação é lamentável. O título de assistente social, tão recente entre nós, vulgarizou-se tornando-se de fácil obtenção. Muitos alunos diplomaram-se até após um rápido curso intensivo. Tudo isso é deplorável. [...] O assistente social destina-se a esse mundo estranho e misterioso da personalidade do homem. [...] Afastar essa finalidade dos olhos dos alunos das Escolas de Serviço Social é diplomar assistentes sociais diabólicos, e pôr nas mãos de crianças armas de fogo (Luis Carlos Mancini, 1940, n. 13, p. 2).

Em verdade, os editores da *Revista* dirigem as críticas a um padrão escolar duplamente divergente do seu: público e laico. Suspeitamos que o alvo velado de tais críticas são as escolas que têm como fundadora a polêmica pioneira Maria Esolina Pinheiro:¹⁹ Escola Técnica de Serviço Social do Serviço de Obras Sociais de Rio de Janeiro, 1938 (posteriormente, em 1939, chamada Escola Técnica de Serviço Social do Rio de Janeiro) e Escola Técnica de Assistência Social Cecy Dodsworth do Rio de Janeiro, 1944, hoje Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Subtraindo todas as provocações veladas aos discordantes, restringimo-nos aos princípios orientadores das Escolas assim concebidas pela *Serviço Social*. Tendo em vista que a vocação é requisito, os candidatos deveriam ser pré-selecionados: afinal, "em uma Escola com as características da que estudamos e um trabalho da natureza do Serviço Social, não é admissível que sejam aceitas, indiferentemente, todas as candidatas que se apresentarem" (Aylda Faria da Silva Pereira, 1944, n. 35, p. 110).

Por isso, são condições de admissão: "ter dezoito anos completos, ter curso secundário ou preparo equivalente, apresentar atestado de idoneidade passado por um sacerdote, e pagar a taxa de 40\$000" (editorial, 1940, n. 14, p. 9). A idoneidade requer manutenção permanente, daí a diluição da formação moral entre os aspectos

¹⁹ Maria Esolina Pinheiro dedicou-se às atividades assistenciais desde 1936, estando envolvida na criação de grande parte das escolas de Serviço Social no Rio de Janeiro. Sua atuação se distanciou e diferenciou da vertente confessional que formava a *Serviço Social* por sua estreita relação com o Estado Novo, em movimentos como o sanitaria e a Escola Nova, defendendo escolas de Serviço Social laicas, públicas, técnicas e com cursos noturnos para atender alunos trabalhadores. É precursora do parâmetro norte-americano de Serviço Social. Para maior contato com a obra desta pioneira ver Pinheiro, 1985; 1985a.

"científico, técnico, prático e pessoal" (Aylda Faria da Silva Pereira, 1944, n. 35, pp.68-70) da grade curricular.

A preocupação com a formação passa evidentemente pela escolha do corpo docente: "cumpra ressaltar sempre a escolha dos especialistas mais competentes para ministrarem os cursos" (Francisco de Paula Ferreira, 1944, n. 35, p. 220). Cite-se André Franco Montoro e Alceu Amoroso Lima, ambos colaboradores da *Serviço Social* (este último sempre apresentado com o honroso epíteto "da Academia Brasileira de Letras"), ambos docentes em escolas de Serviço Social.

A constituição de uma profissão – mas, ainda assim, missionária – coloca um impasse para os assistentes sociais quanto ao exercício remunerado. Eis como é apresentada a sua solução:

O caráter profissional pois, não deprime o assistente: antes, supõe-no um ser humano, premido também por necessidades imperiosas, mas absorvido por um único objetivo: o de atenuar os atritos da sociedade contemporânea, ocupando-se atentamente do estudo e da solução prática das questões que a afligem (Luis Carlos Mancini, 1940, n. 13, p. 2).

A costumeira baixa remuneração do assistente social ainda tem uma vantagem e uma justificativa adicionais: "afastar da profissão as pessoas pouco generosas, que vejam no trabalho somente um 'meio de vida'" (Maria Kiehl, 1939, n. 11, p. 7) e, respectivamente, "o assistente social não pode pretender uma segurança 'burguesa' da existência. Como os trabalhadores a quem se dedicou tem que estar exposto à insegurança que caracteriza a vida de todos os dependentes; e isto é uma sua glória" (Roberto Saboia de Medeiros S. J., 1947, n. 46, p. 13).

Não bastasse o alcance da graça com um salário "conveniente", o assistente social, ou antes, a assistente social modelar cumpria um rígido código de conduta. Por um lado, aproximação com a "insegurança" trabalhadora, por outro, distância do "desajustamento" pela correção: "do ponto de vista moral, integridade inatacável" (Aylda Faria da Silva Pereira, 1943, n. 34, 48).

A "ordem social" era vista como "uma organização social onde a colaboração viva entre os indivíduos afaste a luta de classe [...] onde cada um tenha possibilidade de participar igualmente na repartição da riqueza" (Guiomar Urbina Telles, 1939, n. 1, p. 3). Não por acaso o primeiro artigo do primeiro número da *Revista* postulava a harmonia social como o cerne da função reajustadora do Serviço Social tradicional, expresso na *Serviço Social*.

Amortizando o que, em tal perspectiva, não existia – as lutas de classes –, cabia ao assistente social ser o "guarda avançado na luta pelo reajustamento da sociedade" (Luis Toloza de Oliveira e Costa, 1940, n. 16-7, p. 5), com a função de "ajudar as pessoas, para quem esses serviços são destinados, a resolver os seus problemas" (Rose Alvernaz, 1947, n. 45, p. 69). Pede-se-lhe "que remova obstáculos à plena expansão das personalidades, que corrija más formações individuais, familiares ou sociais, que reajuste, que constitua quadros sociais úteis ou necessários ao homem" (Luis Carlos Mancini, 1940, n. 13, p. 2).

Nos grandes transatlânticos o leme segue automaticamente a rota que lhe foi traçada, mas o técnico deve estar preparado para reajustá-lo, caso haja uma atrapalhação no mecanismo ou intervenha uma tempestade. Em seu labor cotidiano, o assistente social só lida com pessoas ou grupos que saíram da rota habitual da vida normal; é mister que tenha uma noção exata do porto a atingir, dos caminhos certos ou nocivos que possa encontrar; deve possuir em si esta serenidade, fruto da fé e da confiança, que lhe permita nos momentos de angústia ser o piloto seguro e decidido, apoio e guia dos que o rodeiam (Albertina Ferreira Ramos, 1940, n. 23, p. 23).

Se sobrevier, no entanto, o dilúvio que obstaculize o paraíso terrestre, há sempre o refrigério da saída mística. Isto é, pediam demais aos nossos "pilotos", daí aplacar a frustração com a ênfase no mundo vindouro:

O êxito da sua missão reside *muito mais* na medida com que ela tiver concorrido para a reintegração dos indivíduos e da sociedade na rota que os conduz à realização das suas finalidades supremas, do que nos resultados obtidos relativamente à vida temporal (Aylda Faria da Silva Pereira, 1944, n. 35, p. 97, grifo nosso).

De uma posição inicialmente reacionária – visando a uma medievalização cristianizadora – *Serviço Social* transita lenta e gradualmente, ao longo do segundo ano da *Revista* (n. 13), para um reformismo conservador.²⁰ Ou seja, no primeiro momento, o domínio religioso sobre o social é afirmado e defendido, cabendo ao Estado papel supletivo na atividade social, apenas "nos momentos em que se torna indispensável uma coação eficiente por parte do poder público" (Leliana de Paula Ferreira, 1940, n. 14, p. 6):

[o Estado] deve se limitar a estimular, coordenar, fiscalizar e suprir a atividade dos particulares. Parece-nos, todavia, muito sensível a inclinação dos Estados modernos a açambarcar isso que não lhe compete. [...] *o serviço social oficial não convêm.* [...] as obras sociais se devem precaver contra certas vantagens com que se lhes acenam, salvaguardando a autonomia a todo custo (Luis Carlos Mancini, 1939, n. 13, p. 2, grifo nosso).

²⁰ O reformismo conservador foi lapidarmente sintetizado no lema do romance *O leopardo*, de Lampedusa: "É preciso que tudo mude para tudo continuar o mesmo". Indicando a conexão umbilical entre o reformismo conservador e a gênese do Serviço Social, José Paulo Netto afirma: "Estruturando-se como categoria profissional a partir de tipos sociais pré-existentes à ordem monopólica, originalmente conectados a um compósito referencial ideal incorporado pelo projeto sociopolítico conservador (aberto às reformas 'dentro da ordem') próprio à burguesia monopolista" (NETTO, 2007, p. 81). Ademais, a tradição intelectual do pensamento conservador é "um estilo de pensar o social que tem por limite o marco da socialidade burguesa, o positivismo, que, antes de ser uma 'escola' sociológica, é a autoexpressão ideal do ser social burguês" (NETTO, 2007, p. 43).

Mas quando a disputa de forças no interior do Estado Novo finalmente gera um alinhamento com as hostes católicas, o Serviço Social passa a "fazer obra de colaboração com o governo na solução de determinados problemas sociais brasileiros" (editorial, 1940, n. 20, p. 29) e o Estado torna-se o novo espaço em que "os assistentes sociais promoverão uma tendência às reformas, sem serem os reformadores" (Roberto Saboia de Medeiros S. J., 1947, n. 46, p. 14).²¹ Em suma, como "o Serviço Social não repele o progresso: humaniza-o" (Luis Carlos Mancini, 1940, n. 15, p. 7),²² admite-se que:

é indubitável (...) o dever e o direito do Estado de prosseguir no caminho da política social, o que resulta da sua finalidade, isto é, manter e garantir o bem comum. Sua realização pressupõe o convívio pacífico das várias classes na sociedade e uma possibilidade real para as mesmas no sentido de poder participar do bem comum (H. Franke, 1944, n. 32, p. 122).

Ainda assim, isso não representou uma laicização. Em 1947, o I Congresso Brasileiro de Serviço Social, tinha como lema: "Pela solução cristã e verdadeira dos problemas sociais" (Francisco de Paula Ferreira, 1947, n. 45, p. 32).

Mesmo que a Igreja desfrutasse de certo espaço (vide o retorno do ensino religioso nas escolas e o casamento religioso com efeitos civis), a modernização do Estado com o Estado Novo gera desconfiança e oposição velada ao poder temporal. As críticas e temores pelos "rumos perigosos que o Estado vai tomando" (Luis Carlos Mancini, 1939, n. 9, p. 2) são endereçados a um tal "Estado Moderno" que "subrepticamente, invadiu o campo pertencente ao Poder Espiritual, arrogando-se ditador da moral e proprietário da Vida" (Luis Carlos Mancini, 1939, n. 6, p. 2). O que importa disso é que a *Revista* mostra que a chamada aliança Igreja-Estado, crucial para o desenvolvimento do Serviço Social, não foi livre de tensões.

Em verdade, a Igreja pleiteava um equilíbrio de forças por meio de críticas geralmente objetivas e setorializadas, travestidas de propostas, a maioria ligada à:

- *legislação social*: "No Brasil, as leis sociais têm sido conferidas ao povo com grande magnanimidade. Quase diríamos magnanimidade excessiva" (Luis Carlos Mancini, 1939, n. 10, p. 2); "uma legislação não informada por alma católica, é legislação antinatural, contendo em si um princípio de desordem social e, como tal, existindo na expectativa da ruína. A doutrina social católica é a que a vitaliza, dando-lhe sentido e conformando-a portanto, aos fins da criatura humana. Em legislação assim, Igreja, Homem, Família e Estado se entrosam harmoniosamente, sem atritos e sem intervencionismos exorbitantes" (Luis Carlos Mancini, 1939, n. 13, p. 2);

²⁰ A ideia se completa com: "Os assistentes sociais são antes os irmãos e irmãs dos que sofrem e os fermentadores da massa no sentido de convertê-la em povo; obtendo assim que as modificações encontrem eco de baixo para cima e não sejam apenas sonhos de idealistas" (Roberto Saboia de Medeiros S. J., 1947, n. 46, p. 14).

²¹ "Indústria e comércio são vitais. O que é preciso é cristianizá-los. E fazer isso a tempo. Antes que sejam indústrias e comércio realmente 'bolchevizados'" (Roberto Saboia de Medeiros S. J., 1945, n. 36, p. 140).

- *salário mínimo*: "Ao Estado cabe função supletiva neste assunto e ele deve agir (na falta de associações profissionais que o façam) para que o operário receba o mínimo que lhe é justo" (Guiomar Urbina Telles, 1939, n. 10, p. 8);

- *sindicalização* (a favor da pluralidade sindical): "No sindicato único, estatizado por conseguinte, não têm lugar esses sentimentos iguais e esses interesses afins, porque a associação reúne toda a categoria, gente de todos os matizes ideológicos, à força da lei, inculcando-lhe a religião da 'neutralidade', que outra não é senão a decantadíssima e já mofadíssima idolatria do Estado" (Luis Carlos Mancini, 1939, n. 9, p. 2);

- *estatuto do trabalhador rural*: "Existe um Brasil ignorado dentro do Brasil que urge seja descoberto e bem tratado. É o Brasil Rural. Fala-se em democracia, direitos e reivindicações. Fala-se em movimentos operários, em legislação trabalhista, mas nada se diz a respeito do homem do campo" (José da Silva Pacheco, 1946, n. 42, p. 63);

- *habitação*: "Voltem-se para este problema bem grave [habitação] os olhos dos particulares ou do Estado, procurando resolvê-lo, pois que nessas habitações onde a promiscuidade impera vai nascendo e crescendo a ruína da sociedade" (Guiomar Urbina Telles, 1940, n. 21, p. 14).

A estratégia de crítica é, contudo, de bate e sopra: "Na hora presente, o governo, através de atos e da palavra de ordem do Dr. Getúlio Vargas, trata com todo interesse do problema da habitação popular" (Vitor Tavares de Moura, 1945, n. 36, p. 156).

Com o golpe de 1945 que põe fim ao Estado Novo, *Serviço Social* esclarece:

que criticar a governos é trabalho construtivo. [...] O melhor amigo é o que diz as verdades. [...] É norma da Igreja viver sempre em bons termos com qualquer espécie de governo que respeite a sua natureza social e moral. [...] é arquissabido primeiro que os governos não podem fazer tudo, segundo que os governos não devem fazer tudo, terceiro que não raro os governos querem demais. [...] Fique claro que a Igreja apóia os governos, mas não tolera o pecado (Roberto Saboia de Medeiros S. J., 1945, n. 39, pp. 68-70).

Aliás, depois que acaba, o Estado Novo é lembrado como nem tão ruim assim – seria antes uma ditadura à brasileira:

É claro que não podemos comparar a nossa longa e branda ditadura doméstica, tão flexível e tolerante em acomodações, nem o nosso felizmente bisonho e tão pouco científico DIP [Departamento de Imprensa e Propaganda], em matéria de condicionamento de opinião de massas, com as formidáveis organizações totalitárias. Por isso, não adianta relembrar o que nos

sucedida há pouco tempo. Mas por essa pequena amostra delicada, qualquer um poderá imaginar o que seria de fato um "megadip" completo e tecnicamente capaz, organizado com todos os recursos da psicologia científica, como nova arte de enganar (Aldo M. Azevedo, 1946, n. 41, p. 13).

Ainda que definindo as diferenças de classes como insuprimíveis, "como são insuprimíveis as diferenças naturais" (Luis Carlos Mancini, 1941, n. 28, p. 9), "a Igreja reconhece que há uma injustiça social, que há exploradores e explorados" (Roberto Saboia de Medeiros S. J., 1944, n. 32, pp. 75-6).

Está convencida, no entanto, de que "a culpa não está só nos patrões, e que há operários culpados, e pobres criminosos" (Roberto Saboia de Medeiros S. J., 1944, n. 32, pp. 75-6), e de que o povo²³ não resolve "os problemas do povo só com o povo" (Roberto Saboia de Medeiros S. J., 1944, n. 32, p. 80).

Com os olhos fitos na "justiça social", a solução para os "problemas do povo" – "a infância abandonada, a mulher que trabalha, a falta de organização profissional, a vida familiar ameaçada por tantas deficiências" (Helena Iracy Junqueira, 1939, n. 12, p. 12) – está na cooperação com as "classes abastadas e intelectualmente cultivadas" (Roberto Saboia de Medeiros S. J., 1944, n. 32, p. 80). Cooperação francamente estimulada e considerada até indispensável pela Igreja.

Em uma divisão de tarefas, cabe ao Serviço Social "oficial" (público) normatizar quanto aos trabalhadores, enquanto "as preferências dela, Igreja [orientadora da maior parte do Serviço Social privado], são inteiramente pelos pobres" (Roberto Saboia de Medeiros S. J., 1944, n. 32, p. 74). Não se pense, porém, que, preferindo os pobres, a igreja preterisse os trabalhadores: seu domínio estendia-se aos dois "problemas". E, portanto, a *Revista* buscava, herculeamente, ambas as soluções.

Quanto aos trabalhadores, as discussões – tecidas em torno de dois objetivos centrais, a saber: o aplacamento das lutas de classes²⁴ e o provimento ao capital de um trabalhador produtivo –²⁵ abrangiam a relação capital/trabalho; a sindicalização; o salário mínimo; a participação nos lucros; a previdência social; o repouso; a assistência médica; a habitação higiênica; a educação; a preservação da família.

A valorização operária tanta era que "Jesus Cristo se tornou o padroeiro e protetor da classe operária" (Eduardo M. Lustosa S. J., 1947, n. 47, p. 46). Há, por sinal, a sugestão de uma festa em honra de "Nosso-Senhor Operário" no dia 1º de maio: "Dedicar uma festa em intenção a Jesus Cristo-Operário poderia tornar-se mais uma contribuição para a realização de nosso desejo: 'Cristo viva, Cristo reine, Cristo impere em todo o mundo'" (Eduardo M. Lustosa S. J., 1947, n. 47, p. 49).

²³ "Povo, pois, são as classes trabalhadoras e os pobres" (Roberto Saboia de Medeiros S. J., 1944, n. 32, p. 80).

²⁴ Sendo o assistente social o "agente de ligação entre o patrão e o operário", cabe a ele "impermeabilizar o operário contra a propaganda subversiva e prevenir a luta de classes, a malquerença profissional, quer na empresa, quer nos próprios domínios sindicais" (Luis Carlos Mancini, 1941, n. 25-6, p. 8). E mais: "O papel [do assistente social] é unir a classe patronal à classe proletária, desenvolvendo em ambas o ideal de cooperação, de justiça e de caridade" (Maria Kiehl, 1939, n. 11, p. 8).

²⁵ "O Serviço Social [...] atingirá sempre plenamente os seus fins" quando, ao garantir "direta ou indiretamente à família do trabalhador, um nível de vida moral, físico e econômico normal" garantir igualmente, e por meio disso, "à empresa a elevação da produção" (Luis Carlos Mancini, 1941, n. 25-6, p. 4).

Essa política direcionada aos trabalhadores, personificada no preito extremado com a família ("Talvez não haja assunto mais importante sobre o qual se possa falar do que o da família. No dia em que a família fosse definitivamente conquistada para o mal tudo estaria perdido" [Roberto Saboia de Medeiros S. J., 1946, n. 44, p. 36]), era, por assim dizer, a menina dos olhos de *Serviço Social* – e, talvez, daquele Serviço Social.²⁶

O "problema" dos pobres, contudo, é mais embaixo. Tão embaixo que, alvejado por julgamentos morais os mais detratores, o pobre mostra-se como o vicioso, viciado, promíscuo e ignorante (Sim, "há mais ignorância do que pobreza" [Rubens do Amaral, 1940, n. 21, p. 26]). Ser que, se alguma salvação ainda pode ter, é por meio da redenção cristã.

A degradação moral dos "sem trabalho" é justificada pelo fato de que "o homem trabalha para viver, e trabalhando para viver não busca apenas o pão de cada dia, mas a formação de sua personalidade" (Guiomar Urbina Telles, 1939, n. 10, p. 8), ou seja, sua formação moral.

Sendo a miséria tipificada em "orgânica, moral ou econômica" (Luis Carlos Mancini, 1939, n. 12, p. 2), a publicação conclui que "o homem de nossa terra" não somente "não mora e não come" – eis a miséria econômica – como também "não vive" (Paulo Sá, 1946, n. 43, p. 140) – eis a miséria moral. E se, para atenuar uma hierarquia dessas misérias, diz-se que as "deficiências econômicas e materiais causam males morais", a afirmação não desdiz seu inverso, pois "a raiz dos males sociais é sempre moral" (Cecília Almeida Camargo, 1941, n. 25-6, p. 32).

Na perspectiva em pauta, destituídos de formação moral, os "sem trabalho" não transtornam apenas a si ou à sua família, mas à Pátria e até à Humanidade, já que "a profissão é uma função que se escolhe livremente na disciplinada colmeia social, é uma *missão* que se abraça no afã de servir à fraternidade humana" (Eduardo M. Lustosa S. J., 1945, n. 38, p. 98, grifo nosso).

É nesse clima que se revela, sorrateira mas tentacularmente, nos artigos de *Serviço Social* uma espécie de "moral da cruz para os outros". O recurso, de cálculo profundamente conformista, não é novo e a tradição é justamente católica – para ficarmos apenas no Brasil, os sermões do padre Antonio Vieira já traziam tal argumentação.²⁷ Imputa-se o sofrimento de Cristo aos pobres, que, a exemplo deste, têm que suportar a pobreza nesta vida, mas, se pobres dignos, terão passe livre à exaltação no "outro mundo". A pobreza torna-se, portanto, uma benção: "Em particular os pilares do Reino de Jesus Cristo são: a vida moral; a prática das virtudes cristãs, sobretudo da pobreza e da caridade; a oração" (Roberto Saboia de Medeiros S. J., 1946, n. 40, p. 71).

Tal era o poder da pobreza, quando pobreza cristã, que ela podia vencer até o arquirrival da cristandade: "O comunismo só se vence pela prática da pobreza

²⁶ A título de exemplo, observem-se as linhas de pesquisa, ou "Comissões de teses", abordadas no I Congresso Brasileiro de Serviço Social: "O Serviço Social e a família; Serviço Social de menores; Educação popular e lazeres; Serviço Social médico; Serviço Social na agricultura, na indústria e no comércio; Os agentes do Serviço Social" (Francisco de Paula Ferreira, 1947, n. 45, p. 32).

²⁷ Sobre o recurso nos sermões do padre Antonio Vieira, consultar Bosi, 1992.

cristã e o seu veneno, o seu espírito diabólico, só se desmascara pelo discernimento dos que são puros de coração" (Roberto Saboia de Medeiros, S. J., n. 36, p. 14).

O empenho em fazer valer essas e outras fórmulas conformistas devia-se, ao menos em parte, à coerente preocupação em preservar o domínio da Igreja, quer sobre pobres, quer sobre trabalhadores, frente a essa insidiosa ameaça vermelha.²⁸ Proteger os trabalhadores dos "perigos da esquerda e da direita" (Yolanda Maciel, 1939, n. 1, p. 8) era, destarte, missão em que se empenharam os editores de *Serviço Social*. Por isso, o anticomunismo está em toda parte da *Revista* e qualquer tema é pretexto para um ataque ao "papai Stalin" (Roberto Saboia de Medeiros S. J., 1946, n. 40, p. 47).

Há que desviar-se dos perigos tanto da esquerda como da direita²⁹ porque, "ao combater o comunismo, é preciso ainda que fique claro que o contrário de combater o comunismo não é pactuar com o capitalismo. [...] Os abusos do capitalismo são sempre abusos, e não podem ficar inocentados porque agora aparece pela frente o comunismo" (Roberto Saboia de Medeiros S. J., 1945, n. 38, p. 31).

"A fórmula do combate ao comunismo é o afervoramento da vida cristã" (Roberto Saboia de Medeiros S. J., 1946, n. 40, p. 75). Mas, embora o "materialismo dialético [seja] apenas tolice dialética" (Frank Tannenbaum, 1947, n. 46, p. 38), o combate ao comunismo não pode ser feito de uma forma qualquer. Afinal, "se os operários abraçaram o martelo e a foice de Karl Marx, antes da cruz de Jesus Cristo, foi em parte porque os sucessores de Marx, não os apóstolos de Cristo, pareciam mais interessados nos seus problemas" (Pe. Monaghan, 1947, n. 46, p. 4).

É um erro, portanto:

querer reduzir o comunismo a um caso de polícia. Depois das eleições, dizem alguns, esses comunistas voltam todos à cadeia, ou, dizem os mais decididos, vão todos para diante de um pelotão e 'fogo neles' [...] Mas o comunismo em si que numa real democracia nem pode existir porque não é moral, nas democracias em embrião só pode ser superado justamente por uma volta de todos à moral cristã. Neste dia, automaticamente desaparece o comunismo. É que o estado espiritual do povo foi modificado (Roberto Saboia de Medeiros S. J., 1946, n. 40, pp. 48-9).

O Brasil, entretanto, terra de "gente de índole pacífica, tolerante, todos de tradição católica, para não falar da família e da consideração para com a pessoa

²⁸ "Sendo assim, os inimigos de Cristo e da Igreja, hoje se chamarão materialismo, reacionarismo, comunismo [...]. Sob modalidades diversas os inimigos da Igreja se podem reduzir a um certo esquema, utilizam certos processos fundamentais e são juguete do 'homicida desde o princípio', do 'pai da mentira', do 'diabo'" (Roberto Saboia de Medeiros S. J., 1946, n. 40, p. 66).

²⁹ Os "perigos da direita" referem-se ao nazismo: "a vitória germânica (...) fascinará outros Estados alastrando a política racista, socialista e militarista pelo mundo. Os três aspectos dessa política configuram o Estado moderno, substancialmente pagão" (Luis Carlos Mancini, 1939, n. 13, p. 02).

humana" (Roberto Saboia de Medeiros S. J., 1945, n. 39, pp. 63-4), não se contamina facilmente com o comunismo –³⁰ nem mesmo com os desmandos do capitalismo:

No Brasil, as tradições cristãs apesar de tão enfraquecidas foram as que impediram que o capitalismo fosse o que chegou a ser noutros lugares e modificasse várias de suas estruturas [...] é nas tradições cristãs do Brasil, é em última análise na Santa Igreja que está a salvação de nossa Pátria (Roberto Saboia de Medeiros S. J., 1945, n. 39, pp. 75-7).

Serviço Social postula a "consciência de que somos, todos e cada um, uma célula ativa no metabolismo da economia nacional, da qual depende diretamente a saúde e a vida do imenso organismo que é o Brasil nação" (H. Franke, 1944, n. 32, p. 235). E ao Serviço Social cabe a vanguarda de tal consciência, pois que "norteados por princípios retos", está "à frente", pronto "a uma atividade que redundará em bençãos à pátria" (Revmo. Pe. Eduardo Rebouças, 1940, n. 18, p. 3).³¹

A ideia do Brasil-potência é ponto de fuga de toda a *Revista* – "Poucos países no mundo igualam o Brasil em riqueza potencial" (Pe. Monaghan, 1947, n. 46, p. 3). Por esse ideal se "fará aceitar todos os sacrifícios que, por ventura, tenham de ser feitos para a efetivação da política industrial do porvir" (Revmo. Pe. Eduardo Rebouças, 1940, n. 18, p. 3). Não se trata, todavia, de qualquer potência, mas de um Brasil-potência-católico:

as esperanças do Brasil Católico serão os triunfos e as glórias, os louros que vão engrinaldar, amanhã a vossa frente de construtores da nacionalidade e obreiros indefectíveis de um Brasil melhor, porque sempre o mesmo, entre as balizas da fé e da tradição, em demanda da justiça, da ordem, da paz (Revmo. Pe. Eduardo Rebouças, 1940, n. 18, p. 3).

Quando afastado dos princípios diretivos da Igreja, o Brasil estaria mais longe de alcançar o *status* de potência. Então, a crítica aos governos emana e as obras da sociedade civil são valorizadas, quando da Igreja, porque: "a maior parte das grandes coisas que se levaram a termo, quase foram à margem dos governos" (Roberto Saboia de Medeiros S. J., 1945, n. 39, p. 68), graças a "Virgem Santíssima, [que] nos momentos mais angustiosos da nossa história vem em nosso auxílio". É tempo, portanto, "que Jesus Cristo reine nos corações e no Brasil" (Roberto Saboia de Medeiros S. J., 1945, n. 39, pp. 78-9).

³⁰ "Graças a Deus o 'Povo brasileiro' ainda não ficou reduzido ao simples estado de 'massa', nem perdeu sua consciência, sua inteligência..." (Aldo M. Azevedo, 1947, n. 44, pp.78-9).

³¹ A IV Semana de Ação Social foi o posto avançado de formulação de estratégias para "a solução de uma operação simples mas que já tardava a ser resolvida: realidade nacional – doutrina social católica" (Luis Carlos Mancini, 1940, n. 20, p. 3), toda uma semana de estudos feita "à luz da doutrina social da Igreja e em função das nossas realidades e dos nossos problemas sociais e nacionais" (editorial, 1940, n. 20, p. 27).

Conclusão

A primeira revista de Serviço Social do Brasil, durante certo tempo a única difusora dessa profissão, portadora da grande responsabilidade de construção do Serviço Social no país, revela a cada linha seu compromisso com padrões morais cristãos e com o pensamento doutrinário católico, o que incide sobre a formação do assistente social, do qual se exige não somente preparo técnico, como também "sólida formação moral" e vocação.

Esse assistente social teria de, frente ao Brasil Moderno que se erigia no seio do Estado Novo, exercer – calcado na ideologia da harmonia social, cerne do Serviço Social tradicional expresso na *Revista* – uma função reajustadora que contribuísse para a ereção de um Brasil-potência-católico.

Conforme pretendemos demonstrar, a *Revista Serviço Social* nos diz muito sobre a história do Serviço Social no Brasil. Porém, mais do que isso, ela nos diz da própria história do Brasil (retratando, de forma direta ou indireta, momentos como a Revolução de 1930, a celebração de Nossa Senhora Aparecida como padroeira do Brasil, a aliança Igreja/Estado, o Estado Novo, as leis trabalhistas, a chamada re-democratização e os fluxos migratórios/imigratórios).

Ainda assim, para além de documento histórico (que, como todo documento, é comprometido), a *Revista* é a expressão de um modo de pensar o Serviço Social, o Brasil e o mundo. E é também uma fonte primária que, como tal, permite-nos nuançar o período abrangido pelas vigorosas quase duas décadas dessa publicação.

Ao aproximarmo-nos da "revista do padre Saboia" e experimentarmos repúdio pela pregação conservadora de uma "moral da cruz para os outros" ou perplexidade pela descrição minuciosa de um abrigo que comportava um "pavilhão das vadias" (sic) inadvertidamente ao lado do "pavilhão dos menores delinquentes" (n. 18), verificamos tamanha distância (setenta anos!). Ainda assim (ou por isso mesmo), conhecer para submeter a um tratamento histórico-crítico esse vasto material que expressa parcela notável da história do Serviço Social no Brasil significa afirmar a não capitulação ante a tendência instalada a certo presentismo, o soterramento do passado.

Contudo, se isso não servir de incentivo para enfrentarmos as décadas de "Cultura Superior" e poeira da *Revista Serviço Social*, que a afirmação de Antonio Candido nos dê justificativa: "Comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca. Mas é ela, não outra, que nos exprime. (...) Se não lermos as obras que a compõem, ninguém as tomará do esquecimento, descaso ou incompreensão" (CANDIDO, 2007, p. 11).

Referências Bibliográficas:

- BOSSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos 1750-1880*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.
- CARVALHO, Raul de. *Gemendo e chorando nesse vale de lágrimas: aspectos da ação da hierarquia da Igreja católica junto às classes subalternas da cidade de São Paulo entre 1930 e 1936*. São Paulo: Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, FFLCH/USP, 1987, mimeo.
- CASTRO, Manuel Manrique. *História do Serviço Social na América Latina*. Trad. José Paulo Netto e Balkys Villalobos. São Paulo: Cortez, 1989.
- IAMAMOTO, Marilda Villela e CARVALHO, Raul de. *Relações sociais e serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica*. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- _____. *Renovação e conservadorismo no serviço social*. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- _____. *Serviço Social em tempos de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- IANNI, Octavio. *As metamorfoses do escravo – apogeu e crise da escravatura no Brasil meridional*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1962.
- MONTAÑO, Carlos. *A natureza do serviço social: um estudo sobre sua gênese, a “especificidade” e sua reprodução*. São Paulo: Cortez, 2007.
- NETTO, José Paulo. *Capitalismo monopolista e serviço social*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- PINHEIRO, Maria Esolina. *Serviço social: documento histórico*. São Paulo: Cortez, 1985.
- _____. *Serviço social: uma interpretação do pioneirismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UERJ, 1985.
- SOUZA, P. José Coelho de. *P. Roberto Saboia de Medeiros, S. J. Apóstolo da Ação Social no 25º aniversário de seu falecimento*. São Paulo: Edições Loyola, 1980.
- YASBEK, Maria Carmelita. *A escola de serviço social no período de 1936 a 1945*. *Cadernos PUC-SP*. São Paulo: EDUC/Cortez, n. 6, pp. 11-60, dezembro. 1980.

Fonte de Pesquisa:

Revista Serviço Social, n. 1 a 80. São Paulo: Escola de Serviço Social, 1939-1956.

Recebido em 17 de julho de 2009.

Aceito para publicação, em 23 de setembro de 2009.